

# Usos de um espaço público: um estudo de caso do Parque Halfeld, Juiz de Fora, MG.

Thaís Oliveira da Dalt\*

---

## Resumo:

O presente artigo tem como objetivo investigar quais as apropriações que os usuários do Parque Halfeld, localizado na cidade de Juiz de Fora – MG, fazem ao se relacionar com ele, quais os atores que o utilizam, como o fazem e como o enxergam. Para tanto recorreu-se a conceitos como os de espaço, identidade e lazer para defender sua argumentação. Após revisão bibliográfica, observação direta e entrevistas, identificou-se a concentração de três grupos distintos de atores e diversos usos do espaço público, sendo o principal deles o lazer. As relações do espaço com a atividade turística também foram descritas e analisadas sob o entendimento de que as percepções que cada indivíduo possui são determinadas em função de um conjunto de sentimentos, vivências, expectativas, gostos e conhecimentos. Entende-se também que as identificações que são produzidas nos indivíduos sobre determinados locais ocasionam seus usos, assim como ocorre no Parque Halfeld.

**Palavras-chave:** Patrimônio Cultural. Lazer. Espaço Público. Parque Halfeld.

## PERCEPTIONS AND USES OF A PUBLIC SPACE: A CASE STUDY OF THE PARK HALFELD, JUIZ DE FORA, MG

---

## Abstract:

This article aims to investigate what the appropriations that users Halfeld Park located in the city of Juiz de Fora - MG, makes the relationship with him, which actors use it, as they do and how to see. For both resorted to concepts such as space, identity and leisure to defend your argument. After a review, direct observation and interviews identified the concentration of three distinct groups of actors and diverse uses of public space, most notably leisure. Relations with the space tourism has also been described and analyzed. Under the understanding that the perceptions that each individual possesses are determined according to a set of feelings, experiences, expectations, tastes. Considering also that the identifications that are produced in individuals over certain locations cause its uses, as well as in Halfeld Park.

**Keywords:** Cultural Heritage. Leisure. Public Space. Halfeld Park.

## USOS DE UN ESPACIO PÚBLICO: UN ESTUDIO DE CASO DE PARK HALFELD, JUIZ DE FORA, MG

---

## Resumen:

Este artículo tiene como objetivo investigar que los créditos que los usuarios Halfeld Park, ubicado en la ciudad de Juiz de Fora - MG, hace que la relación con él, que los actores lo utilizan, como lo hacen y la forma de ver. Para ambos recurrieron a conceptos como el espacio, la identidad y de ocio para defender su argumento. Después de una revisión, la observación directa y entrevistas identificaron la concentración de los tres grupos de actores y los distintos usos del espacio público, sobre todo de ocio. Las relaciones con el turismo espacial también se ha descrito y analizado. En el entendido de que las percepciones que cada individuo tiene es determinado de acuerdo con un conjunto de sentimientos, experiencias, expectativas, gustos y conocimientos. Considerando también que las identificaciones que se producen en personas mayores de ciertos lugares causan sus usos, así como en Halfeld Park.

**Palabras clave:** Patrimonio Cultural. Ocio y tiempo libre. Espaço Público. Halfeld Park.

---

\* Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora e professora substituta do Departamento de Turismo da UFJF. E-mail: [thaisdadalt@yahoo.com.br](mailto:thaisdadalt@yahoo.com.br)

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo investigar quais as apropriações que os usuários do Parque Halfeld, localizado na cidade de Juiz de Fora – MG –, fazem ao se relacionar com ele, quais os atores que o utilizam, como o fazem e suas visões sobre ele. Além disso, almeja-se lançar luz sobre o histórico do Parque, e sua proposta de lazer para a população da cidade. Assim, esta pesquisa irá investigar se esse espaço público pode se apresentar como espaço de lazer, tornando-se relevante devido ao fato de que a literatura ainda não dá conta do objeto proposto. Portanto, um dos limites desta pesquisa é a ausência de referências sobre trabalhos semelhantes realizados no mesmo ambiente, apontando, dessa maneira, para a necessidade de recorrer a um aprofundamento teórico em conceitos e outros estudos que servissem como base para o desenvolvimento do presente estudo de caso.

O Parque Halfeld é uma área tombada pelo patrimônio municipal, e está localizado no centro da cidade entre as ruas de maior importância comercial e histórica do município, razão que leva à utilização do espaço muito em função de sua localização. A facilidade de acesso é ponto importante para a vida do Parque, que ocupa uma extensa área entre as ruas Halfeld, Marechal, Santo Antônio e Avenida Barão do Rio Branco, formando um grande espaço de convivência na zona mais central da cidade. No tópico *Resultados* é possível observar uma descrição detalhada sobre esta relação de convívio e usos do Parque.

Este *paper* se estrutura da seguinte forma: na primeira seção, observa-se um apanhado histórico, seguido pela seção intitulada *metodologia*, que expõe as técnicas e métodos utilizados para a realização da presente pesquisa. No tópico *resultados* é possível observar os saldos do trabalho realizado em campo; já na seção *discussão*, há uma revisão bibliográfica com textos e documentos que se relacionam com o objeto deste estudo. Este se encerra com as considerações finais, sendo realizado um balanço entre o que se observou através da revisão bibliográfica e a rotina do Parque.

## 2 BREVE RETORNO AO PASSADO, PARQUE HALFELD E SUA HISTÓRIA

Para aclarar o contexto pregresso e atual de nosso objeto de estudo, recorreremos a um breve vislumbre sobre sua história. Segundo Albino Esteves (1915) em seu Álbum do Município de Juiz de Fora, a cidade Juiz

de Fora tem seus primórdios no século XVIII, quando da abertura do Caminho Novo. A região onde a cidade surgiu foi ocupada por fazendas e posteriormente progrediu, muito por empenho de seus habitantes, que abriram ruas e ocuparam-nas com casarões, escolas e comércios.

Com o tempo, a cidade modernizou-se, houve a construção da estrada União Indústria por Mariano Procópio Ferreira Lage e a ajuda da colônia de imigrantes estabelecida por este, que influenciou muito no progresso de Juiz de Fora (OLIVEIRA, 1966). Além desta, posteriormente foram construídas a Estrada de Ferro D. Pedro II e a Usina Hidrelétrica de Marmelos, a primeira da América Latina, dando, assim, início ao uso da energia elétrica na cidade.

Em 1853, três anos após a emancipação da cidade, a Câmara local foi instalada: “A sede do novo poder atraiu desenvolvimento para a região mais central da vila, originando o largo onde depois seria construído o jardim municipal” (TRIBUNA DE MINAS, 1997, p.14). Foi neste cenário de modernização e empenho da Câmara da cidade em fazê-la crescer, que a Praça Municipal ou Jardim Municipal, atual Parque Halfeld, surgiu.

Em 1854, a Câmara Municipal adquiriu o terreno onde está localizado o Parque (ESTEVES, 1915), terreno que pertencia a Henrique Guilherme Fernando Halfeld. Este local tornou-se o primeiro logradouro público da cidade, sendo chamado de Largo Municipal. Mais tarde, em 1866, o Senhor Henrique Guilherme Fernando Halfeld e sua esposa Dona Cândida Maria Carlota doaram o terreno do entorno do Largo ao município.

Nesta época, o Largo ou Jardim Municipal não era calçado, havia atoleiros e o capim estava por toda parte. A Câmara não se preocupava com a limpeza do local, o que muitas vezes gerava críticas no jornal local *O Pharol*. A população não se conformava que o local, que tinha também por objetivo a diversão, estivesse sempre sujo. A Praça era utilizada para montagem de atrações itinerantes como “circo de cavaleiros, touradas e cavalhadas” (ESTEVES, 1915 apud OLIVEIRA, 1966, p.105), e somente quando da vinda destas é que a limpeza local era realizada. Antes do sistema de ajardinamento, muitas reclamações e petições de saneamento chegavam à Câmara.

Em 1879, o Vereador Marcelino de Assis Tostes solicitou à Câmara Municipal que o Largo fosse ajardinado “pelo sistema inglês de relva e árvores” (OLIVEIRA, 1966, p.105). Assim, no ano de 1880, o arquiteto Miguel Lallemond ficou incumbido da

elaboração da planta para a reforma de ajardinamento do Largo Municipal. Mesmo depois do ajardinamento, parte da população protestou enviando um documento à Câmara, que constatou que tal ajardinamento veio a “ocasionar o desaparecimento do lugar onde a população vem gozar de seus divertimentos prediletos.” (OLIVEIRA, 1966, p.107).

Em 1901, o Coronel Francisco Mariano Halfeld remodelou o Largo com seus próprios recursos e a obra foi executada pela Cia. Pantaleone Arcuri & Spinelli. Esta reforma modificou a estrutura do local, foram arquitetados “canteiros, abertura de ruas, fechamento de outras, um pavilhão central, uma casa para o guarda, repuxos, lagos, pontes, casas rústicas, reforma do gradil.” (OLIVEIRA, 1966, p.189). Após esta reforma, a Câmara Municipal decretou que o Largo recebesse o nome de Praça Coronel Halfeld, em julho de 1901.

Após a reforma de 1901, o Parque sofreu outras, nos anos de 1955, 1966, 1978 e 1982 que continuamente transformaram sua estrutura física inicial. Uma das intervenções mais comentadas e até citada em poema da escritora Rachel Jardim, foi o corte de palmeiras doentes no ano de 1945, como se observa no livro *Os anos 40* (JARDIM, 2003).

Importantes construções ainda hoje estão situadas no entorno do Parque, como o prédio das Repartições Públicas, de 1918, a Câmara Municipal - Palácio Barbosa Lima -, de 1878, a Igreja São Sebastião, de 1878, a Igreja Metodista Central, de 1928 e o Fórum Benjamim Colucci.

Diante de sua relevância histórica, foi aberto então o processo para tombamento do Parque, pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio, seguindo a lei municipal que trata do processo de tombamento de bens no município. Uma das justificativas para o tombamento do local foi a de que havia poucos espaços públicos na cidade e por isso este deveria ser preservado. A fala de Maria Inês Passaglia durante o processo de tombamento alude à importância histórica, paisagística, urbanística e afetiva do Parque com a cidade. Propõe ela que seria necessário não somente o tombamento do Parque, mas também o de seu entorno, incluindo a Igreja de São Sebastião, a Praça Hermenegildo Villaça e o Morro do Imperador. Outra justificativa levada em conta no processo foi a importância cívica do local quando da elevação da posição de povoado à Vila.

Depois de estudos e visitas ao local pela Comissão Permanente Técnico-Cultural, a Câmara publica o Decreto nº 4223, em 30 de dezembro de 1989, que tomba como bem municipal o Parque Halfeld, a Praça

Hermenegildo Villaça e a visibilidade do Morro do Cristo, de maneira que, para quem esteja localizado em qualquer ponto do Parque Halfeld, o Morro do Cristo seja visível (JUIZ DE FORA, 1989). Logo após o tombamento, fez-se necessário providenciar legislação adequada para uso apropriado do ambiente recém tombado. Desta maneira, ficou, o Decreto nº6077, de novembro de 1997, o regulador das atividades realizadas ali.

Vale ressaltar que o Parque Halfeld está localizado em um reduto de bens que também foram tombados pelo patrimônio municipal, os quais demonstram a importância histórica e cultural da região. O local foi constituído no núcleo cívico e religioso da cidade. Na área que o constitui legalmente existem diversos monumentos tombados, tais como descritos a seguir no QUADRO 1, que arrola todos os monumentos tombados presentes no interior do Parque e seus autores.

MONUMENTO	AUTOR / ANO
Belmiro Braga	Modestino Kantos -1940
Camões	Cia. Lombardi de São Paulo -1950
Caio Martins	Alfredo Gallant -1944
Henrique Guilherme Fernando Halfeld	Giuseppe Caporalli -1902
Machado Sobrinho	1972
Oscar Gama	José Caparolli -1958
Procópio Teixeira	Luís Ferres -1959

**Quadro 1:** Monumentos e autores presentes no Parque Halfeld, pela data de criação.

**Fonte:** Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa.

Além dos monumentos presentes no Parque Halfeld, outros bens móveis estão localizados no seu entorno, como o prédio das Repartições Municipais, um dos que formava o núcleo cívico da cidade, edifício edificado no ano de 1918 e arquitetado por Rafael Arcuri. Há também a Câmara Municipal, que é a edificação onde funcionava o antigo Fórum e onde também funcionou o mercado municipal. Esta edificação foi inaugurada no ano de 1878 com a presença do Imperador D. Pedro II, sendo utilizada somente como Câmara a partir de 1945. Já o núcleo religioso da cidade era composto principalmente pela Igreja Metodista Central, de 1928 e pela Igreja São Sebastião, de 1878. Todas essas edificações ainda estão em funcionamento.

Importante destacar ainda que, na Av. Barão do Rio Branco, esquina com Rua Halfeld, em frente ao Parque, está localizado o Edifício Clube Juiz de Fora,

que possui dois painéis de Cândido Portinari, “As quatro estações” e “Cavalos”, ambos tombados pelo patrimônio municipal.

### 3 METODOLOGIA

Para dar conta das apropriações que são feitas do local, utilizou-se como metodologia a observação participativa, pesquisa de campo, aplicação de entrevistas com os atores envolvidos e revisão bibliográfica. A pesquisa através de observação direta se fez necessária, visto que é através desta que a identificação de todos os atores que estão envolvidos no cenário se deu, e ainda possibilitou delinear os usos que são dados ao objeto de estudo. A pesquisa em campo, ou seja, as visitas ao Parque Halfeld, ocorreram entre os meses de janeiro e maio de 2009. Lançou-se mão também de entrevistas, que foram realizadas em maio de 2009. Esta pesquisa possui cunho qualitativo e não pretende processar estatísticas.

De acordo com as análises realizadas e para melhor compreensão deste estudo, os atores do local foram agrupados em três grupos distintos: os que vão ao Parque a lazer (frequentadores), os passantes e os trabalhadores; neste último incluem-se os trabalhadores do entorno. Assim, a aplicação de questionários e entrevistas para investigar quais as percepções dos atores envolvidos no cenário do Parque Halfeld se baseou nesta divisão. As entrevistas foram aplicadas a diferentes públicos e personagens e, oportunamente, foi possível identificar indivíduos que visitavam o Parque pela primeira vez, pessoas de outras cidades, usuários frequentes, transeuntes, trabalhadores e “moradores de rua”.

Tais entrevistas foram baseadas em um roteiro norteador, que investigou a frequência com que as pessoas visitam o local, o que mais lhes agrada e desagrada no ambiente. É necessário observar que não foi possível realizar entrevistas com os “hippies”, pois eles se mostraram arredios e não quiseram contribuir com esta investigação.

### 4 RESULTADOS

Em relação às entrevistas realizadas, é possível traçar alguns conjuntos de percepções que se repetem. Além disso, observa-se que os três grupos possuem visões bem distintas uns dos outros. Cada grupo enxerga o Parque de maneira desigual, como se cada um pintasse um quadro diferente da mesma paisagem.

Em relação ao que cada grupo faz no local, pode-se dizer que os que vão à lazer tomam sol, leem jornal, vão ao encontro de amigos, namoram, jogam dama e baralho, apreciam a natureza, aguardam o retorno para suas casas, brincam no *playground* e alimentam animais. Para os que por ali passam, o local serve como uma ponte para outras ruas. Por ligar diversas e importantes ruas da cidade, o Parque Halfeld se manifesta, para os que não realizam atividades ali, somente como ligação de onde vieram e para onde irão. Além desses, existem ainda os trabalhadores que estão ali porque são comerciantes do Parque, varredores da prefeitura encarregados da limpeza, guardas municipais fazendo o policiamento ou trabalhadores das repartições que estão no Parque e em seu entorno, como a Câmara Municipal, o Fórum, o prédio do JF Atendimento e da Fundação Alfredo Ferreira Lage - FUNALFA.

Em relação ao que mais agrada a todos, houve certo consenso entre os grupos: a natureza foi mencionada por todos como o que mais agrada aos usuários e aos não usuários. Esta, inclusive, figurou entre as razões para a presença e assiduidade ao Parque. À diversidade de espécies de árvores, cinquenta e três, como o Pau-Brasil e a Peroba Rosa, que estão protegidas contra o corte por decreto municipal, pode-se creditar esse consenso.

No quesito “o que mais desagrada no local” houve divergências, mesmo dentro dos grupos. O grupo dos passantes e dos trabalhadores levantou a questão da sujidade e a das pragas urbanas, como a constante presença de pombas e ratos. Entretanto, o grupo dos frequentadores discorda e afirma que o Parque é limpo e que a limpeza do local é satisfatória já que há muito movimento, e nem sempre é possível mantê-lo totalmente limpo. É necessário ressaltar que a limpeza é feita diariamente, entretanto muitos usuários e passantes jogam lixo em locais inadequados, e as pombas sempre constantes são fruto de um hábito inapropriado, o de alimentá-las. Há muito tempo pessoas vão ao Parque para alimentar os animais e isso aumenta a sujeira e auxilia na proliferação das pragas urbanas.

Alguns dos passantes observaram que o que lhes desagrada é a presença dos “moradores de rua”. É pertinente observar que os “moradores de rua” são cidadãos e, assim, relembrar que o espaço do Parque Halfeld é de uso público, sendo de toda a sociedade o direito de utilizá-lo.

Esta pesquisa ainda questionou os entrevistados quanto à “consideração do Parque como um local para produção, prática e vivência do lazer”. Os atores se

dividiram entre o posicionamento de que o Parque já é um local para a vivência do lazer e o de que o Parque deve melhorar sua infraestrutura para torna-se, assim, um espaço apropriado a este fim.

No roteiro das entrevistas, havia um espaço para possíveis comentários e sugestões e as mais recorrentes foram: a gratuidade para o uso do banheiro público, implantação de bebedouros, melhorias no parque infantil, maior assiduidade na limpeza e mais segurança durante a noite.

De maneira geral, pode-se perceber que duas características marcam fortemente o Parque Halfeld: a forte presença da natureza e a questão da sujeira. Ambas atraem para ou repelem os indivíduos de lá.

#### 4.1 UM DIA NO PARQUE

Dentro dos usos atuais a que se propõe o Parque, é possível identificá-lo como um local de encontro de diferentes idades e sexos. Nota-se que é frequente a presença de idosos que vão ao local para jogar dama e baralho. Jovens que se encontram para conversar e namorar e muitos casais que podem ser vistos durante o dia e também durante a noite. Como no seu entorno há algumas entidades públicas, diversos trabalhadores também transitam durante o dia pelo local.

Verifica-se também a presença de “hippies” que, durante o dia, produzem e vendem artesanato. Além dos “hippies”, outros comerciantes se estabelecem no local para vender picolés, água-de-coco, doces, crochê, fotografias, pinturas, cosméticos e artesanatos diversos. Há também uma banca de jornal que é um dos mais significativos comércios do local, pois, em função dela, muitos indivíduos vão ao Parque para ler notícias e discuti-las. Além disso, o local é ponto de encontro de diversas tribos urbanas, como os góticos, roqueiros, entre outras.

Em umas das muitas reformas que o local sofreu, foi implantado um parque infantil, e é este que faz com que pais levem seus filhos até o local para passarem à tarde ou algumas horas brincando. Como no centro urbano de Juiz de Fora há uma alta concentração de residências e comércios, os espaços públicos para lazer são escassos. Assim, o Parque Halfeld pode ser apontado como uma das poucas possibilidades de lazer na área central da cidade.

Observa-se que muitos dos frequentadores do Parque são assíduos em suas visitas, visto que vão ao local diariamente. Para os moradores do entorno, visitá-lo torna-se uma oportunidade para encontrar vizinhos, rever amigos e tomar sol. É possível vislumbrar lagos,

árvores e animais que habitam o local, como micos sagui, pombas, passarinhos, gatos e cachorros. Certos frequentadores costumam ir ao Parque somente para alimentar os animais que ali estão.

Muitos “moradores de rua” podem ser vistos, tanto durante o dia quanto à noite. Estes são, em parte, como os outros frequentadores: vão ao local em busca de lazer e convívio social, entretanto alguns utilizam o parque como moradia. Algo muito importante tanto para os “moradores de rua” quanto para os frequentadores do local é a presença do banheiro público que funciona durante o dia e, para utilizá-lo, é necessário efetuar pagamento. O banheiro e a limpeza são de responsabilidade da Empresa Municipal de Pavimentação e Urbanização - EMPAV.

Durante a noite, o ritmo do Parque muda, muitos estudantes circulam pelo local. O lugar torna-se ponto de encontro dos que aguardam o retorno para casa, principalmente dos que vêm de outras cidades. É à noite que o número de casais aumenta e, por diversos bancos ao longo do Parque, é possível vê-los namorando, sendo poucas pessoas vistas sozinhas. Como o local é muito central, torna-se inevitável utilizá-lo como passagem para outras ruas, assim como ocorre durante o dia a noite esta característica é mantida, porém em menor proporção.

É durante a noite que o comércio de alimentos se intensifica. Muitas barracas de pipoca, cachorro-quente, crepe e milho verde cozido se espalham pelo local em busca de clientes que estão a caminho de casa ou do estudo. Assim, ao passar pelo Parque, há também uma profusão de odores, que se torna uma de suas marcas de identificação.

É possível ver no Parque Halfeld a presença de policiais militares e também da Guarda Municipal de Juiz de Fora. Durante muito tempo, a população reclamou da violência e do descaso com a segurança do local principalmente à noite. Ainda hoje, mesmo com o policiamento reforçado, a população é receosa de visitá-lo durante a noite.

Durante os fins de semana e feriados, a agitação comum da semana cessa. O Parque fica calmo, crianças brincam no parquinho e senhores tomam sol durante a manhã, amigos e conhecidos se encontram para conversar, ler jornal ou simplesmente apreciar a paisagem. O comércio diminui, mas outros produtos são comercializados em função do público ali presente, sendo os balões e bolas de plástico exemplos. Os horários de culto na Igreja Metodista Central e missa na Igreja de São Sebastião são os em que se podem ver mais pessoas no Parque nos dias de feriado e final de semana.

Além destas, o Parque conserva outra característica marcante, a de ser palco de diversos movimentos sociais. Como a Câmara é o único remanescente do poder público presente no local, muitas manifestações têm se concentrado ali. Observa-se que, com a transferência da Prefeitura para a parte baixa da cidade, os níveis de mobilização popular não alcançaram grau de relevância como o que ainda se mantém no Parque Halfeld. Além disto, o prédio onde hoje é abrigada a prefeitura é um grande edifício, com catracas e identificação de passagem, não sendo permitida a entrada de manifestações, ao contrário do prédio da Câmara, que é quase uma continuidade do Parque. Constantemente o local sedia assembleias, reuniões e torna-se a nascente de movimentos como greve de servidores municipais, passeatas de protestos como as dos estudantes, que, há alguns anos, visam a redução do valor da tarifa do transporte coletivo. O Parque Halfeld serve também para realização de eventos como *shows*, peças de teatro, exposições e palestras. O vão da área central é muito utilizado para esta função, possui espaço suficiente para a montagem de um palco e pode reunir um bom número de pessoas na plateia.

## 5 DISCUSSÃO

### 5.1 ESPAÇO, LAZER E SUAS RELAÇÕES COM O TURISMO

As relações que permeiam a atividade turística e o uso do espaço são por vezes contraditórias e abusivas. A atividade turística, se assim podemos dizer, impõe ao espaço suas delimitações e conseqüentemente o modifica. De maneira geral, espaço significa tamanho físico e pode ser mensurado através da medição de suas dimensões. Contudo, a significação de espaço pode ser mais abstrata e difícil do que esta, pois, para os arquitetos, espaço é o vazio entre a posição dos corpos sólidos que se define por sua própria massa (BOULLÓN, 2002). Já para Santos (2002, p.63), “espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, entre sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único *no qual a história se dá*” (grifo nosso). O espaço constitui, entre outros, o suporte para as relações que se dão sobre ele. Ele pode se apresentar de variadas formas, como centros urbanos ou zonas rurais.

É sobre esse conceito que este trabalho se debruça, para afirmar que são nas relações entre objetos e ações que a história cria identidades para o desenvolvimento do turismo e do lazer. A identidade ocupa papel fundamental na análise do espaço, porque

é a partir da percepção deste espaço pela população, seja sob o ponto de vista do patrimônio cultural, ou herança material do passado; seja como espaço de lazer ou como espaço geográfico privilegiado, que ela se constrói.

Carlos (2002), Luchiarri (1998) e Rodrigues (2002) acreditam que a indústria do turismo é um setor transformador do espaço, porque o altera criando falsas identidades, falsas identificações e encenações de lugares e, conseqüentemente, são criados os não-lugares. Como aponta Ana Fani Carlos (2002, p. 26), “a indústria do turismo transforma tudo o que toca em artificial, cria um mundo fictício e mistificado de lazer, ilusório, onde o espaço se transforma em cenário para o espetáculo”.

O lugar é resultado das relações humanas, é o “estabelecimento de uma identidade entre a comunidade e lugar” (CARLOS, 2002, p.28). Essa identidade local é criada através da história, que por sua vez é uma rede de representações e sentidos dos que usufruem do espaço. Esses usuários se identificam com o espaço porque eles criam a história daquele espaço, vivendo e se relacionando sobre e com ele. Para Roncayolo (1990, apud CARLOS, 2002, p.34) “a identidade vem da cultura, mais do que da estrita localização física”. Ou seja, a identidade e identificação com o espaço, que são advindas da cultura dos usuários, delimitarão a utilização e conseqüente conservação ou depredação dele.

Cabe aqui relacionar a conceituação de espaço e sua identidade, à caracterização de espaço artificial, que, segundo Boullón (2002), é a área terrestre onde estão os artefatos criados pelo homem, tendo a cidade como expressão máxima, que também recebe o nome de espaço urbano. É nos espaços urbanos que estão presentes grande parte do principal produto do turismo, os atrativos. Muitos destes atrativos estão entre os bens do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

A utilização devida ou indevida dos atrativos liga-se diretamente à interpretação do espaço urbano por cada indivíduo ou pela coletividade. O campo do público, ou seja, o espaço que é de uso coletivo, por vezes é interpretado como de ninguém. Como nos mostra Barretto (2002), pesquisas demonstraram que grande parte dos brasileiros presume que o que é público não é de ninguém; e, conseqüentemente, o espaço pode ser depredado por não ter um proprietário. Muitos indivíduos de nossa sociedade pensam e agem assim. Alguns atrativos tombados pelo Estado são vandalizados sem o menor pudor: “Trata-se da infração pelo prazer, pela aventura; trata-se de uma *cultura da transgressão*” (BARRETTO, 2002, p.42). Explicação provável para o mau-tratos dos bens públicos na

América Latina e no Brasil são as relações que foram estabelecidas com os colonizadores desses países, que exploraram e depredaram os bens das nações latino-americanas.

Outra explicação é o descaso e desinteresse que refletem, possivelmente, o que sentem os indivíduos em relação ao Estado. Barretto (2002) chega à conclusão de que o indivíduo se apropria do espaço para não senti-lo tão impessoal. A impessoalidade, que foi gerada em função do abandono da identidade do local, contribuiu para a criação de novas identidades. A construção de novos espaços e novas utilizações, e o abandono da velha certeza de que o espaço já pertenceu e se identificou com o indivíduo.

É pertinente ressaltar que, no Parque Halfeld, os maus-tratos e o descaso de alguns usuários para com os equipamentos mobiliários urbanos são visíveis; muitos desses equipamentos estão pichados e quebrados. A infraestrutura do local ainda não é completa para aquilo a que se propõe, a falta de alguns equipamentos é perceptível. Entretanto, os poucos equipamentos existentes são inutilizados ou vandalizados. Como é possível observar, usuários jogam lixo no chão, exatamente ao lado das lixeiras, bancos são pichados ou quebrados, os monumentos em sua maioria estão vandalizados, os lagos estão sujos porque alguns usuários urinam e jogam lixo no local.

A apropriação do espaço urbano para atividades turísticas gera o espaço turístico urbano. A gestão desses espaços turísticos se apresenta como algo difícil aos olhos do poder público, muitas políticas têm buscado planejar a melhor maneira para gerir o espaço, porém nem sempre alcançam o sucesso. O planejamento adequado é essencial para que as ações futuras estejam de acordo com a realidade existente e também com que se deseja alcançar.

Em relação ao planejamento para a realização de atividades turísticas no Parque, algumas ideias já surgiram, inclusive algumas delas já foram documentadas. No Plano Estratégico de Desenvolvimento de Juiz de Fora de 2004, é possível observar a intenção de produzir circuitos turísticos que englobem os patrimônios presentes no centro da cidade. Além do Plano, este fato também pode ser visualizado no texto de Anne Martins e Gustamara Vieira (2006).

Além dos circuitos turísticos, há ainda a intenção dos vereadores de transferir a casa legislativa para outro local da cidade, próximo à atual prefeitura e onde já está sendo construído o novo Fórum da cidade. Eventualmente, se a Câmara for transferida para a Av. Brasil, local pretendido, é possível que o

prédio seja transformado em um centro cultural que seria incorporado ao circuito em que o Parque Halfeld estaria incluso. Apesar de o Plano Estratégico ser do ano de 2004, até o presente momento tais atividades ainda não foram implementadas. Apenas o projeto de *city tour* gratuito “Viver Juiz de Fora”, também elencado no Plano, foi posto em prática.

Analisando os caminhos das discussões acadêmicas verifica-se o fato de que existem reservas para o tratamento do tema lazer, contudo o mesmo, e as atividades decorrentes dele, estão cada vez mais presentes na sociedade contemporânea. Foi a partir da Revolução Industrial que se iniciaram os debates sobre a dicotomização do tempo dispendido para o lazer e para o trabalho. O lazer pode ser entendido como uma livre adesão a atividades para satisfação pessoal em espaço/tempo disponíveis do âmbito das obrigações e rotina. A disponibilidade de tempo, segundo Marcellino (2004, p. 31 apud MARCELLINO, 2006, p.53) “significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa”. Ainda segundo o autor, o lazer é entendido como “a cultura compreendida no seu sentido mais amplo” (MARCELLINO, 2006, p.53) e este sentido amplo entende-se por “conjuntos de modo de fazer, ser, interagir, e representar que, produzidos socialmente, envolvem simbolização e, por sua vez, definem o modo pelo qual a vida social se desenvolve” (MACEDO, 1982, p.35 apud MARCELLINO, 2006, p.53). O lazer é um direito inalienável do homem e não deve ser visto como mero entretenimento, como objeto de dominação ou alienação. Este deve levar à essência da atividade exercida e também ao convívio do indivíduo consigo mesmo ou dele com outrem, lembrando que esta vivência pode ser modificadora de valores e atitudes.

Outro autor que influenciou de maneira significativa a concepção sobre o lazer foi o sociólogo francês Dumazedier. Ele entende lazer como:

Um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares ou sociais. (DUMAZEDIER, 2001, p.34).

No que se refere à atividade contemplativa, Dumazedier não deixa claro que lazer pode ser isto

também, entretanto, observa-se que, assim como Marcellino, este autor compreende lazer como sendo uma diversidade de possibilidades que proporcionam ao indivíduo bem-estar físico e/ou mental.

Dessa maneira, o lazer pode ser entendido como um instrumento de auxílio no rompimento da alienação do trabalho, servindo como um meio para desenvolvimento da capacidade criativa de cada ser, além de possuir um papel transformador nas condições de bem estar físico e mental do ser humano. Entendemos, assim, que o conceito de lazer é muito amplo, pois abarca diversas atividades que podem ser consideradas como tal, desde que, como mencionado anteriormente, proporcione satisfação a quem as pratica ou contempla.

Aqui retomamos a ideia de maus-tratos do espaço público para suscitar a necessidade de uma educação que leve à vivência de um lazer consciente, com práticas justas e valores de convivência com o espaço, público ou não, com o outro e com a natureza. Valores que não sejam os impostos pelo mercado de consumo e que fazem com que os maus-tratos, principalmente durante atividades de lazer nos espaços públicos, sejam consolidados.

## 6 CONCLUSÃO

De acordo com a pesquisa realizada, espaços públicos, como o Parque Halfeld, podem se apresentar como possibilidade real de lazer para a população. Como um espaço onde o cidadão pode fazer suas escolhas e usufruir delas de maneira individual ou coletiva. No apanhado das entrevistas, confirma-se a influência da centralidade do Parque Halfeld na sua utilização tanto como meio quanto como finalidade. Neste último caso, a finalidade do lazer é consequência da infraestrutura, que possui parque infantil, bancos, fontes e banheiros públicos.

É necessário ressaltar que o Parque é um patrimônio municipal e que, por vezes, tem sido mal utilizado por seus usuários. Em relação a isto, verifica-se a necessidade de uma campanha de sensibilização em prol de usos que primem pela conservação do espaço. Com certeza há muito que se construir junto aos atores do local. Alguns projetos que são realizados por entidades locais estão em busca deste aperfeiçoamento.

Os espaços públicos de maneira geral, incluindo o Parque Halfeld, são democráticos, acolhem todas as classes sociais, idades e sexos e, por isso, faz-se necessário manter o equilíbrio entre idosos, jovens, visitantes, transeuntes, trabalhadores, “hippies” e “moradores de rua”, cada um com suas atividades. Essa democracia fica

clara diante da constatação de que, para cada grupo de indivíduos caracterizado por este estudo, o Parque se apresenta com uma utilidade distinta. É aparente que mesmo com toda a diversidade, o espaço com seus usos e costumes seja harmônico. Ele é um conjunto que se movimenta constantemente, em que cada indivíduo, em busca do que lhe é aprazível, o torna um lugar inquestionavelmente de lazer.

Contudo, é possível notar que as diversas identificações dos indivíduos dificultam o uso adequado do espaço. Por vezes, os usuários se esquecem ou ignoram a importância cultural do Parque para cidade e acabam vandalizando-o. É neste ponto que os problemas surgem: como cada uma das diferentes tribos e classes que coabitam o Parque o percebem de maneira diferente, os usos adequados acabam sendo ignorados por alguns. É preciso ressaltar que as visões são diferentes, os usos também, mas a preservação e manutenção devem ser as mesmas. Além disso, lembramos aqui a questão da sujidade ressaltada por muitos entrevistados, que a apontaram como fator crucial para a degradação do ambiente.

A prática do lazer deve ser realizada em um local que propicie bem-estar, diversão, alegria e segurança; afinal a vivência do local associada à atividade deve levar à qualidade de vida. O Parque Halfeld é uma área central, é um reduto verde em meio às edificações, e mesmo com seus problemas e suas diversidades, se apresenta como uma real possibilidade de lazer junto à natureza bem no centro da cidade de Juiz de Fora. Natureza que foi apontada como o principal atrativo do local.

## REFERÊNCIAS

BARRETTO, M. Espaço público: usos e abusos. In: YÁZIGI, Eduardo. \_\_\_\_; CRUZ, R. de C. A. da (org). *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BOULLÓN, R. C. *Planejamento do espaço turístico*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

CARLOS, A. F. A. O turismo e a produção do não lugar. In: YÁZIGI, Eduardo. \_\_\_\_; CRUZ, R. de C. A. da (orgs). *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

- DUMAZEDIER, J. *Lazer e cultura popular*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- ESTEVES, A. *Álbum do Município de Juiz de Fora*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1915.
- JARDIM, R. *Os anos 40*. A ficção e o real de uma época. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- JUIZ DE FORA. Decreto nº 04223 de novembro de 1989. *Minas Gerais*, Juiz de Fora, nov. 1989.
- JUIZ DE FORA, Divisão do Patrimônio Artístico e Cultural de Juiz de Fora, *Processo 5305/89*. Minas Gerais, Juiz de Fora, 1989.
- LUCHIARI, M. T. D. P. *Urbanização turística*. Um novo nexos entre o lugar e o mundo. In: ENCONTRO NACIONAL DE TURISMO COM BASE LOCAL, 2., 1998, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: Asociación Canaria de Antropologia, 1998.
- MARCELLINO, N. C. Lazer e Educação Física. In: MARCO, A. de (Org.) *Educação Física: cultura e sociedade*. Campinas, SP: Papyrus, 2006. p. 47 - 71.
- MARTINS, A. B.; VIEIRA, G. F. et al. Turismo e Patrimônio Cultural: possíveis elos entre identidade, memória e preservação. *Revista Estação Científica*. Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 01-23, 2006. Disponível em: <[http://www.jf.estacio.br/revista/revista\\_ant\\_02.asp](http://www.jf.estacio.br/revista/revista_ant_02.asp)>. Acesso em: 25 maio 2009.
- OLIVEIRA, P. de. *História de Juiz de Fora*. 2. ed., Juiz de Fora: Gráfica Comércio e Indústria Ltda, 1966.
- RODRIGUES, A. M. A produção e o consumo do espaço para o turismo e a problemática ambiental. In: YÁZIGI, E.. \_\_\_\_\_; CRUZ, R. de C. A. da (orgs). *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2002.
- TRIBUNA DE MINAS. *Juiz de Fora em dois tempos*. Juiz de Fora, 1997.

*Recebido em 19 de agosto de 2011.  
Aprovado, em sua versão final, em 26 de outubro de 2011.  
Artigo avaliado anonimamente por pares.*